

# Congresso de Agribusiness da SNA debate oportunidades de investimentos no Agronegócio

**Moderno, eficiente e competitivo, o agronegócio brasileiro é uma atividade próspera que ainda possui grande potencial de crescimento.**

**Para analisar suas cadeias produtivas, bem como os desafios e as oportunidades de investimento neste setor, a SNA realizou nos dias 21 e 22 de junho, com apoio do Sebrae/RJ, seu 12º Congresso de Agribusiness.**



Mesa de abertura: Antonio Alvarenga, presidente da SNA; Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente; Roberto Rodrigues (FGV Agro e ex-ministro da Agricultura) e Cristino Aúreo da Silva, secretário de Agricultura do Rio de Janeiro

## Economia Verde

Na abertura do evento, a Ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, afirmou que o Brasil irá desempenhar posição de destaque nas áreas de segurança climática, alimentar, energética e hídrica, bem como no campo da biodiversidade. Ela defendeu o desenvolvimento sustentável e a chamada Economia Verde. “Temos de reposicionar o debate sobre agricultura e meio ambiente” – alertou Izabella.

“É preciso mudar o patamar das ações e políticas públicas, pois o meio ambiente é um ativo da economia que não se pode desprezar, é um fator que gera competitividade no país. Temos o dever de repensar uma nova discussão que possa, por exemplo, incentivar a agricultura de baixo carbono, e a Rio + 20 vai colocar todas essas questões no centro dos debates”. A ministra também defendeu o fim da instabilidade entre o setor agrícola e ambiental. “Chegou a hora de acabar com o preconceito na relação entre agricultura e meio ambiente. É preciso criar políticas ambientais que possam promover a sustentabilidade e manter o crescimento da produção agricultura brasileira”.

O presidente da SNA, Antonio

Alvarenga, traçou um panorama geral do agronegócio brasileiro, com destaque para a balança comercial do setor e a safra recorde de 2011. Afirmou que há muitos recursos e boas oportunidades para investimentos, “mas que é preciso afastar as incertezas para que os investidores tenham mais segurança em seus empreendimentos”. Ele também mostrou-se preocupado com as questões relativas ao meio ambiente. “Muita gente, sem qualquer conhecimento técnico, fala sobre preservação ambiental. Há muita desinformação, e al-

gumas pessoas embarcam numa onda pseudoconservacionista” – alertou Alvarenga.

## Comando

Abrindo o primeiro painel do evento, o ex-ministro Roberto Rodrigues criticou a falta de uma liderança global consistente que ofereça para o planeta um projeto de sustentabilidade. Além disso, reafirmou que o Brasil tem todas as condições para assumir a liderança mundial no âmbito da Economia Verde, mas lamentou a falta de estratégia e de políticas públicas. “Se não



Pedro Cabral da Silva, superintendente federal do Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro, ao lado de Eduardo Salles, secretário de Agricultura da Bahia, acompanham a palestra do ex-ministro Prati de Moraes, que traçou um panorama próspero do agronegócio brasileiro

tivermos programas de renda, logística, defesa sanitária e política ambiental, não teremos estratégia para avançar” – alertou, afirmando que o país é capaz de liderar um projeto que mude a geopolítica mundial, apoiado no trinômio sustentabilidade, segurança energética e recursos naturais.

Em seguida, o também ex-ministro Pratini de Moraes traçou um panorama próspero do cenário agrícola brasileiro. “O Brasil terá um papel cada vez mais importante como fornecedor sustentável de alimentos, pois possui terra, água, incidência solar, tecnologia e empreendedorismo” – observou Pratini. Para ele, “toda essa pujança tem sido alcançada com pesquisa e tecnologia de baixo impacto ambiental”.

O ex-ministro defendeu ainda maior firmeza do Brasil nas negociações comerciais internacionais, citando como exemplo o recente embargo da Rússia à importação de carne bovina, suína e ovina brasileira. “Comércio é toma lá, dá cá. Se os russos não querem comprar a carne, não vamos comprar o avião deles”, afirmou o ex-ministro, acrescentando: “O Brasil é muito bonzinho”. Para pontuar os desafios do setor, o ex-ministro destacou questões como segurança jurídica, marketing, logística, tarifas, protecionismo sanitário, câmbio e competitividade.

### Sustentabilidade

No painel “Políticas Públicas voltadas para o Agronegócio”, Christino Áureo da Silva, secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, disse que o estado está se preparando para tornar-se o polo de agricultura sustentável do país. Segundo ele, “um grande passo para o alcance desta meta foi a ampliação do empréstimo do Banco Mundial para o Programa Rio Rural. “Na ocasião, ouvimos da diretoria do BIRD que o Rio Rural é o seu melhor *case* latino americano de desenvolvimento rural sustentável”.

O secretário de Estado de Agricultura da Bahia, Eduardo Salles, chamou a atenção para a necessidade da produção com sustentabilidade, destacando a sintonia que existe na Bahia entre agricultura e meio ambiente. Em sua palestra, mostrou as políticas públicas voltadas para o agronegócio familiar e empresarial, e enfatizou que o Brasil não pode se dar ao luxo de perder investimentos internacionais por causa da restrição à venda de terras a estrangeiros, defendendo que, nessa questão, haja maior flexibilização. “Nós somos contra a especulação imobiliária, mas devemos criar oportunidades para



André Pessoa (Agroconsult) e Fernando Pimentel, presidente da Agrosecurity, ao lado do palestrante Wilson Zanatta, co-presidente do Conselho da LBR Látex do Brasil, que confirmou a posição do país como quinto maior produtor de leite do mundo



Márcio Fortes de Almeida, ex-ministro das Cidades, assistiu à palestra de Rita de Cássia Milagres Teixeira, coordenadora geral de Agronegócios do MDIC, que declarou: “Estamos aumentando nossa produção sem expandir área”

quem quer investir e gerar renda no Brasil”, ressaltou.

Encerrando a sessão da manhã, Rita de Cássia Teixeira, coordenadora geral de Agronegócios do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, traçou um breve painel da balança comercial do agronegócio, destacando que o setor foi o responsável pelo recente saldo positivo de US\$ 63 bilhões. “Estamos aumentando nossa produção sem expandir área” – frisou.

Rita de Cássia abordou a Política de Desenvolvimento Produtivo instituída no final do governo Lula, que envolveu um conjunto de metas e desafios em 25 setores. A partir de 120 reivindicações de variados segmentos, o MDIC adotou 80 ações e obteve 65 avanços em favor do desenvolvimento da agroindústria, com o propósito de solucionar diversos gargalos na produção.

### Tecnologia

“Ensino, pesquisa, tecnologia e inovação” foi o tema do terceiro painel. Eduardo Campello, chefe-geral da Embrapa Agrobiologia, destacou o desenvolvimento tecnológico como fator primordial para o avanço agrícola, mencionando as recentes

técnicas que promovem melhorias na produtividade, entre elas, um inoculante que está aumentando a produção de feijão no Nordeste, e recursos genéticos que facilitam a adaptação da lavoura em solos ácidos. “Temos um sistema agrícola diversificado”, afirmou.

Se por um lado o desenvolvimento tecnológico é uma realidade, a falta de mão-de-obra constitui-se em um gargalo para o agronegócio. É o que ressaltou Paulo Alcântara Gomes, reitor da Universidade Castelo Branco. Ele sugeriu a necessidade de uma reforma do ensino médio, a adoção de novas políticas de expansão em todos os níveis de ensino, a reforma das práticas pedagógicas, o estímulo à criação de novos cursos superiores de tecnologia e o incremento da articulação entre o meio acadêmico e o setor de agronegócios. “É preciso educar para que se utilizem as novas tecnologias” – concluiu.

### Investimentos

José Carlos Aguilera, diretor presidente da Brasil Ecodiesel, abriu o quarto painel do Congresso e falou sobre o crescimento estrutural do mercado mundial de



Luis Antonio Fayet, consultor da CNA, propôs uma série de ações para a melhoria do setor de logística



José Milton Dallari Soares, vice-presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte, lembrou que, atualmente, o Brasil exporta carne para 56 países, incluindo EUA, Irã, Egito e Rússia



José Carlos Aguilera, diretor presidente da Brasil Ecodiesel: "O Brasil é o fornecedor prioritário para atender à crescente demanda do mercado mundial de commodities, nos próximos vinte anos"

commodities. "Diversos estudos apresentaram o Brasil como fornecedor prioritário para atender à esta crescente demanda, nos próximos vinte anos" – disse ele. "O produtor do agronegócio deverá ir ao encontro de novas estratégias financeiras, a fim de obter o capital necessário para seus investimentos, tanto em ativo fixo quanto em capital de giro". Para Aguilera, o mercado de capitais mostra-se uma boa alternativa de financiamento a custos competitivos, porém, exige das empresas uma administra-

ção profissionalizada e rígidas regras de governança corporativa.

Em seguida, Mauro de Rezende Lopes, coordenador do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas, abordou os planos de investimentos para quaisquer níveis de empreendimento, destacando os riscos, visão e complexidade de mercado, exigência de equipe estratégica e necessidade de capital. Além disso, o especialista analisou indicadores financeiros, taxas de retorno e maturação dos investimentos, e traçou um quadro detalhado dos riscos, citando a insegurança jurídica, intervenção do governo no mercado, falta de legislação específica sobre compra e arrendamento de terras, riscos de governança, entre outros.

### Máquinas e insumos

No quinto painel, o vice-presidente da ABIMAQ, Celso Casale, fez uma projeção do quadro de produção de alimentos, levando em consideração o período de 2009 até 2050. "A produção mundial deverá aumentar 10% nos próximos quatro anos, para alimentar nove bilhões de pessoas" – declarou Casale.

No caso do Brasil, o vice-presidente anunciou que a produção deverá crescer 40% até 2019, para acompanhar as expectativas da FAO, e que a produção de etanol deverá aumentar 7,5% ao ano, no mesmo período. Por outro lado, Casale frisou que a evasão do campo abriu espaço para o aumento da demanda da mecanização, como forma de enfrentar a escassez de mão-de-obra, afirmando que o impacto da mecanização resulta em melhores condições de trabalho e melhor produtividade. Apesar disso, reconheceu que, no Brasil, "o custo do maquinário é 40% superior ao de outros países do primeiro mundo".

No campo dos insumos agrícolas, Clarice Corrêa Peixoto Alves, gerente geral de relações com investidores da Vale Fertilizantes, afirmou que a demanda por fertilizantes tem sido impulsionada pela busca de maior produtividade agrícola. "A aplicação desses produtos aumentou 149% em dez anos", disse ela.

### Gargalos

Também participando do quinto painel, Eduardo Daher, diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF), mostrou a forte evolução da economia brasileira nesta última década e seus gargalos mais evidentes, como é o caso da logística. Declarou que as deficiências nessa área retiram cerca de R\$ 3,9 bilhões do agronegócio no país.

Daher informou ainda que em 2011 a

população mundial chegará a sete bilhões de habitantes, dos quais quase um bilhão passam fome ou são subnutridos, mostrando a necessidade de aumentar a produção de alimentos.

### Seguro

Para falar sobre seguro rural, Geraldo Mafra, diretor da UBF, traçou um histórico do seguro agrícola no Brasil. Apresentou os instrumentos de minimização de riscos para os produtores rurais, as modalidades de seguro, o atual perfil de mercado, os desafios do setor, além de novos produtos, entre eles, o seguro receita, baseado nos índices de produtividade, e o paramétrico, que cobre o prejuízo de variação entre índice ocorrido e contratado. Na opinião do dirigente da UBF, "o seguro rural representa um instrumento clássico de minimização de riscos e é fundamental que o Brasil tenha uma política de garantia de risco no campo para incentivar o produtor".

### Logística

No painel sobre a logística de transporte e armazenagem, Luis Antonio Fayet, consultor da Confederação Nacional da Agricultura, falou sobre as novas rotas de transporte da produção e criticou a distância entre os centros de escoamento e as áreas produtivas, que se traduz em elevados custos para os produtores. Fayet propôs uma série de ações para a melhoria do setor de logística.

O consultor defendeu o cumprimento da legislação portuária, bem como a isonomia tributária com longo curso, na cabotagem; no caso das hidrovias, propôs a reformulação de sua estrutura, o uso múltiplo dos rios e o planejamento integrado de todos os modais. Em relação às rodovias, se mostrou favorável à garantia de recursos para sua construção e manutenção; no setor ferroviário, chamou a atenção para a revisão dos contratos de concessão e para o reativamento de diversas linhas.

### Grãos

No painel sobre a cadeia produtiva de grãos, Fernando Pimentel, presidente da Agrosecurity, afirmou que o país obteve recentemente duas safras muito boas. "Vivemos uma prosperidade única no agronegócio" declarou, comemorando a rentabilidade das safras de milho, soja e algodão. Resaltou, no entanto, que problemas de logística ainda penalizam a rentabilidade no campo, e defendeu mais investimentos em hidrovias e ferrovias.

André Pessoa, da Agroconsult, traçou as perspectivas para os mercados agrícolas, neste ano e em 2012. O palestrante consi-

derou 2011 um ano incomum para o setor, pelo fato de apresentar boa produção, alta rentabilidade e preços elevados. “A safra da soja atingiu produtividade recorde de 75 milhões de toneladas” – assinalou, fazendo uma comparação com a demanda da China, de 72,5 milhões de toneladas. Quanto aos Estados Unidos, disse que as previsões não são favoráveis, devido às condições climáticas. No Brasil, André antecipou que a safra de soja em 2011/2012 vai ocupar 25 milhões de hectares.

Em seguida, Amado de Oliveira Filho, consultor da Federação de Agricultura de Mato Grosso (FAMATO), fez uma demonstração das principais culturas do agronegócio, com foco na produção de milho, soja e trigo, e nas projeções para o aumento da produção até 2021. Segundo o consultor, “a discussão da área e produção ocupada pelas culturas selecionadas permite também afirmar e comprovar a sustentabilidade da produção agrícola, já que o crescimento se dará mais por aumento de produtividade que por expansão de novas áreas ao processo produtivo”.

O consultor debateu as incertezas e riscos no setor, citando como ameaças a recessão mundial, o aumento do grau de protecionismo nos países importadores, o controle dos preços das *commodities* por mercados externos, e as mudanças climáticas. Por fim, anunciou que a África, principalmente Moçambique e Sudão, poderá ser a nova fronteira agrícola do mundo.

### Café

Para analisar a cadeia do café, Guilherme Braga Abreu Filho, diretor geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil, informou que o país atravessa seu melhor momento na produção cafeeira. “Este ano foram 48 milhões de sacas. O Brasil tem 9,7% de participação no total da balança do Agronegócio e 35% de participação no mercado dos países exportadores. Em 2011, o total exportado foi de R\$ 8,4 bilhões – destacou Guilherme Braga, que explicou o funcionamento da cadeia produtiva do café, chamando a atenção para as regiões produtoras: “Minas tem 50% da área de produção, com 1.138.218 hectares. O Oeste da Bahia detém a tecnologia mais moderna. O café arábica engloba 1.292.240 hectares, e o conillon 395.507 hectares. Em se tratando de consumo interno, são 1.013.500 toneladas, o que equivale a 20.270.000 sacas. “As perspectivas para os próximos anos são favoráveis, e o preço demonstra tendência de alta” – finalizou o presidente do CECAFÉ.

### Leite e derivados

No âmbito da cadeia produtiva do leite e derivados, participou como palestrante Wilson Zanatta, co-presidente do Conselho da LBR Lácteos do Brasil – considerada a maior companhia privada de produtos lácteos do país – com 30 unidades de fábricas e faturamento anual de R\$ 3 bilhões ao ano. “Queremos ser indutores do desenvolvimento sustentável do setor de leite e derivados, investindo em tecnologia, qualidade de produtos e gestão” – declarou Zanatta, que assinalou a posição do Brasil como o quinto maior produtor de leite do mundo, sendo o país que mais cresce atualmente neste mercado, com o segundo maior rebanho a nível global, totalizando 18.850.000 vacas ordenhadas.

### Carnes

Introduzindo os debates sobre a cadeia produtiva das carnes, José Milton Dallari Soares, vice-presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC) traçou um painel geral do mercado externo, e afirmou que a carne in natura ainda é a mais exportada, sendo a União Europeia o maior consumidor. “Voltamos a vender carne suína para o exterior, depois da retração da década de 80” – lembrou Dallari, acrescentando que o Brasil exporta carne atualmente para 56 países, incluindo EUA, Irã, Egito e Rússia. “O total de bois abatidos supera 80 mil cabeças por dia, sendo que 33% desse total está sob responsabilidade dos grupos JBS, MAFRIG, BRF e Minerva”.

Ressaltando a posição do Brasil em primeiro lugar, como exportador de frango, com 38,6% do mercado global, e em terceira posição em exportação de carne bovina, respondendo por 21,3% do total mundial, José Vicente Ferraz, diretor técnico da AGRA/FNP, traçou o quadro de desafios para o setor agropecuário. Citou como principais entraves o alto custo da matéria prima, a valorização do câmbio e o protecionismo, e apontou como obstáculos a superar, questões sanitárias (aftosa, gripe H1N1), ambientais (Código Florestal) e de infraestrutura (logística), além da necessidade de ajustes na economia interna (juros) e de qualificação de recursos humanos. Ferraz também falou sobre o cenário de instabilidade e incertezas no mercado mundial, chamando a atenção para o crescimento no consumo de carne na China e na Ásia.

### Florestas, madeira e celulose

Ao iniciar o painel sobre a cadeia produtiva de florestas, madeira e celulose, Jedaias Salum, da CENIBRA, disse que “o Brasil mantém 44 m<sup>3</sup>/ha de áreas com plantio de árvores ao ano, mas quer chegar a 70



Eduardo Daher, diretor executivo da ANDEF: “A população mundial chegará, este ano, a sete bilhões de habitantes, dos quais quase um bilhão passam fome ou são subnutridos”



Guilherme Braga Abreu Filho, diretor geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFÉ), anunciou que o Brasil atravessa seu melhor momento na produção cafeeira



Eduardo Francia Campello, chefe geral da Embrapa Agrobiologia, destacou o desenvolvimento tecnológico como fator primordial para o avanço agrícola

m<sup>3</sup>/ha”. Afirmou ainda que o Japão possui mais florestas plantadas que o Brasil, atingindo 6.700 milhões/ha e que, no caso do território brasileiro, ainda existem muitas áreas degradadas que podem passar pelo processo de reflorestamento.

Reforçando o potencial natural do país, o assessor explicou que, atualmente, os segmentos de papel e celulose, painéis de ma-

deira, energia e toras industriais são os mais representativos no mercado. No caso da celulose e dos combustíveis verdes, Salum atestou que há boas oportunidades de expansão.

### Hortifruti

No painel seguinte, que girou em torno de “Frutas e Hortigranjeiros”, Antonio Salazar Pessoa Brandão, coordenador da FIRJAN, apresentou dados sobre a fruticultura no Brasil, alegando que o setor “não está tão consolidado quanto poderia, frente ao potencial que temos”.

Brandão indicou que, hoje, a atividade ocupa área 2.106 milhões de hectares, com produção anual de 38 milhões de toneladas. “O crescimento foi de 30% de 1994 até agora, e a área plantada se mantém estável” – informou o coordenador, que confirmou a posição do Brasil como maior produtor de laranja, seguido dos Estados Unidos.

Warley Marcos Nascimento, chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa, declarou que a produção de hortaliças gera atualmente 2,4 milhões de empregos diretos, e que 60% da atividade está concentrada na agricultura fa-

miliar. “A média de produção gira em torno de 25 milhões de toneladas ao ano, ao custo de R\$ 10 bilhões, e o gasto com sementes, muitas delas importadas, envolve R\$ 346 milhões”.

Chamando a atenção para a necessidade de modernização do setor de hortifruti, Warley mencionou disse que a rastreabilidade, a certificação, o investimento em transporte aéreo e a colheita em períodos de pouca oferta, são fatores que devem ser valorizados.

### Orgânicos

O último painel do congresso foi dedicado à cadeia dos orgânicos. Dick Thompson, empresário e diretor da SNA, falou sobre a evolução do setor orgânico no Brasil, citando o marco legal da Lei 10.831. Abordou a importância da certificação de produtos, e anunciou que o país tem a maior produção diversificada do gênero, com 12 milhões de hectares de área certificada.

Os números são animadores. “Em 2010, o país acumulou R\$ 2 bilhões em receita neste segmento, e total mundial de venda de alimentos e bebidas orgânicos ultrapas-

sou os US\$ 50 bilhões” – declarou o proprietário do Sítio do Moinho, que vê com bons olhos a realização, nos próximos anos, de megaeventos pautados por aspectos de sustentabilidade, saúde e alimentação saudável, como o congresso Rio + 20, em 2012, a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. “É uma grande oportunidade de mercado para o consumo de produtos orgânicos” – reconheceu o empresário.

As oportunidades e desafios do setor deram o tom da palestra de Sylvania Wachsner, coordenadora do projeto OrganicsNet da SNA, uma rede para acesso ao mercado, que conta com o apoio do BID, do Sebrae-RJ e de outros órgãos, e que reúne, até o momento, 34 empresas de vários pontos do país.

Durante sua apresentação, Sylvania Wachsner observou as deficiências da cadeia orgânica, mencionando, entre outros aspectos, a baixa oferta de produtos, a produção sazonal pouco diversificada, a falta de oferta de produtos diretamente ao consumidor, a implantação de uma logística de distribuição de baixo custo e carência de pesquisas focadas neste segmento.

## SNA elege diretoria

Uma nova diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura foi eleita no final de junho para o mandato 2011-2015, sob a presidência de Antonio Mello Alvarenga Neto.

O atual quadro da instituição foi praticamente mantido, tendo havido o ingresso dos novos diretores técnicos Carlos Caiado, Fernando Pimentel, José Milton Dallari, Kátia Aguiar, Luiz Antonio Fayet, Márcio Eduardo Sette Fortes de Almeida, Mauro Lopes, Paulo Protásio, Rony Oliveira e Ruy Barreto Filho, todos profissionais de destaque no agronegócio brasileiro.

Passam, também, a fazer parte do Conselho Fiscal da SNA Rui Otávio Andrade, Leopoldo Garcia Brandão e Maria Cecília Ladeira de Almeida.



Parte da nova diretoria que irá comandar a SNA até 2015: Francisco Vilela Santos, Tito Ryff, Sérgio Malta, o presidente Antonio Alvarenga e Jaime Rotstein



Diretores da SNA, eleitos no final de junho: Joel Naegele, Osaná Almeida, o presidente, Antonio Alvarenga; Hélio Meirelles, Roberto Paraíso e Ronaldo Albuquerque